



Gioconda Belli:

uma intelectual nas disputas pela narração
da história recente da Nicarágua

Luiza Emanuel Ferreira Trevenzoli¹

TREVENZOLI, L. E. F. **Gioconda Belli:**

uma intelectual nas disputas pela narração da história recente da Nicarágua
História Social, vol. 21, p. 01-27, e026003, 2026

Resumo: O presente trabalho se volta à compreensão do lugar das produções intelectuais de mulheres nos debates mnemônicos e na construção de imaginários ao longo do século XX na América Central, em especial na Nicarágua. Para tal, trazemos destaque à obra *El país bajo mi piel: memorias de amor y de guerra* (2001), autobiografia da nicaraguense, intelectual e militante Gioconda Belli (1948-). No livro, Belli propõe a narrativa de suas experiências pessoais, como também de eventos que protagonizam a história nicaraguense no século XX: a ditadura familiar somozista (1936-1979), a Revolução Nicaraguense e o subsequente governo sandinista (1979-1990). A partir da expressão das vivências individuais de uma mulher, mãe e guerrilheira em uma nação em ebulição, a autora constrói elaborações que estão em interlocução com a memória coletiva do país, o que a insere em uma tradição autobiográfica hispanoamericana. Por meio do arcabouço teórico proporcionado pela perspectiva da História Intelectual, é possível depreender como Belli se postula como intérprete intelectual da história recente na Nicarágua.

Palavras-chave: América Latina. Intelectuais Latino-americanas. Gioconda Belli. História Intelectual. América Hispânica.

¹ Mestranda em História na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). E-mail: luizatrevenzoli9@gmail.com.



Gioconda Belli: an intellectual in the contests over the narration of Nicaragua's recent history

Luiza Emanuel Ferreira Trevenzoli

Abstract: This work seeks to understand the place of women's intellectual productions in mnemonic debates and the construction of imaginaries throughout the 20th century in Central America, especially in Nicaragua. To this end, we highlight the work *El país bajo mi piel: memorias de amor y de guerra* (2001), an autobiography of the Nicaraguan intellectual and activist Gioconda Belli (1948–). In the book, Belli narrates her personal experiences as well as the events that shaped Nicaraguan history in the 20th century: the Somoza family dictatorship (1936–1979), the Nicaraguan Revolution, and the subsequent Sandinista government (1979–1990). By expressing the individual experiences of a woman, mother, and guerrilla fighter in a nation in turmoil, the author constructs elaborations that engage with the country's collective memory, thus placing herself within a Hispanic American autobiographical tradition. Through the theoretical framework provided by the perspective of Intellectual History, it is possible to understand how Belli positions herself as an intellectual interpreter of Nicaragua's recent history.

Keywords: Latin America. Latin American Women Intellectuals. Gioconda Belli. Intellectual History. Hispanic America.

“Llegada por avión a Nicaragua”: introdução

El canto del viento me recibe/ en la noche de Managua./ Tantos que murieron de amor/ se pasan secretos en la oscuridad. (Gioconda Belli)

O que define um intelectual latino-americano? A figura de um homem branco, com acesso a bens financeiros, introspectivo e cercado por livros,

pode ser a primeira que vem à mente quando posta esta questão. Para Carlos Altamirano, historiador da Universidade de Quilmes, a resposta para a pergunta escapa a esta imagem fixa. Altamirano propõe como intelectual um sujeito que se propõe a interpretar uma realidade, assumindo a responsabilidade ética de estabelecer uma narração: “‘Consciência’ de seu tempo, intérprete da nação ou voz de seu povo, tarefas de acordo com a definição de intelectuais como um grupo ético.”². Assim, tão plural quanto a intelectualidade podem ser os sujeitos que a compõem.

O intelectual, dessa forma, seria aquele que, a partir de suas produções, coloca-se como mediador do real, garantindo, por meio de sua participação no debate público, o direito de narrar. Não existindo uma restrição de gênero, o questionamento inicial alcança uma resposta a princípio simples, mas cuja enunciação revela uma expressa necessidade de trazer novos olhares à pesquisa histórica: a intelectualidade pode assumir a figura de uma mulher.

Por sua vez, Jorge Myers, também membro da Universidade de Quilmes e um dos maiores representantes dessa abordagem na América Latina, destaca a importância da compreensão do lugar social e cultural da produção intelectual. Myers define:

Uma formulação muito sucinta poderia ser a seguinte: a história intelectual consiste em uma exploração da produção doutra realizada pelas elites letradas do passado, enfocada a partir de uma perspectiva que considera a própria condição de inteligibilidade histórica dessa produção como derivada de sua reinserção (por parte do pesquisador) em um contexto social e cultural – simbólico e material – historicamente específico que, na maioria dos casos, será o contemporâneo dessa produção. Cabe esclarecer que entendo por “produção doutra” um universo de produção que não se limita ao campo da escrita, nem das

² “‘conciencia’ de su tiempo, intérprete de la nación o voz de su pueblo, tareas acordes con la definición de los intelectuales como grupo ético” ALTAMIRANO, Carlos. “Elites culturales en el siglo XX latinoamericano”. **Historia de los intelectuales en América Latina. (vol. 2)**. Madri: Katz Editores, 2010, p. 9. Tradução própria.

disciplinas acadêmicas, mas que também abarca todas aquelas formas de expressão humana que utilizam linguagens que não costumam ser evocadas pelo termo “escrita”.³

Para o autor, uma produção douta não se delimita ao campo da escrita ou ao espaço acadêmico, mas é definida a partir da expressão de “uma linguagem elaborada, complexa, que remeta a uma tradição”⁴. O produto intelectual não se limitaria a uma materialidade específica, mas se definiria a partir de sua relação com seu meio, como também de sua capacidade de o transpor. A compreensão da possibilidade plural do objeto intelectual também é fundamental para a revisitação dos sujeitos que compõem a categoria.

Tendo em vista os debates propostos por Altamirano e Myers, o presente artigo se propõe a analisar a autobiografia *El país bajo mi piel: memorias de amor y de guerra* (2001) de Gioconda Belli, escritora e militante nicaraguense, a partir da compreensão de sua elaboração intelectual. Pretende-se corroborar para a construção de uma análise que enfrente a obra para além da expressão puramente pessoal de uma trajetória individual, evidenciando os diálogos da produção autobiográfica com os debates mnemônicos e testemunhais de uma Nicarágua que se reconstrói após a experiência revolucionária sandinista⁵, evento que ecoa diretamente na formulação da intelectualidade de Belli.⁶

³ MYERS, Jorge. In: SÁ, Maria E Noronha de (org.). **História intelectual latino-americana: itinerários, debates e perspectivas**. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio, 2016, pp. 24-25.

⁴ *Ibid.*

⁵ Ao longo do presente texto, é realizada uma breve exposição da Revolução Sandinista de 1979 na Nicarágua, da ditadura familiar que provoca seu estopim aos anos posteriores da chegada da Frente Sandinista de Libertação Nacional (FSLN) a espaços governamentais e institucionais. Para uma análise mais aprofundada do decorrer revolucionário, como também da história política nicaraguense pós-independência, consultar: ZIMMERMAN, Matilde (2002); VELÁSQUEZ RIVERA, Edgar (2021); VANNINI, Margarita (2021).

⁶ Este artigo se constrói a partir do desenvolvimento de uma pesquisa de Iniciação Científica, na qual pude investigar a utilização da obra autobiográfica de Belli como ferramenta de construção de imaginários, imagens e de inserção no embate pela narração da história recente nicaraguense.

Enquanto produção douda, o livro se insere em uma tradição autobiográfica hispanoamericana, estando intrinsecamente associado aos debates da construção identitária nicaraguense no pós-Revolução Sandinista. Ao mesmo tempo, a produção também dialoga com a inserção de Belli nas discussões centro-americanas pela reivindicação da dimensão política dos corpos femininos, convertida em tema prioritário durante os anos 1980 e ainda presente nos debates públicos.⁷ Para a autora, seu sexo e sua pátria são aspectos indissociáveis na construção de sua intelectualidade.

A afirmação de Belli como intelectual produz uma releitura fundamental na elaboração historiográfica latino-americana. Fugindo à caracterização comum à figura da intelectualidade, a nicaraguense assume para si a identidade feminina não somente como característica pessoal, mas também como elemento mobilizador de suas produções. Por Deus feita mulher, como afirma em um de seus mais célebres poemas⁸, a autora constrói um percurso intelectual no qual não abre mão de narrar as complexidades que compõe seu ser: sexo, revolução, amor, guerra. Renunciando às supostas limitações de seu gênero, em *El país bajo mi piel* Gioconda Belli apropria-se do protagonismo narrativo na produção literária. Concomitantemente, ela enfatiza o diálogo de sua construção intelectual com os debates mnemônicos na Nicarágua.

Em uma América Central marcada por embates e articulações entre memória e esquecimento, os testemunhos, em suas diversas formas, foram uma prática cultural central nas reconstruções da história⁹. A vinculação estreita entre testemunho e historiografia, caracterizada, na Nicarágua,

⁷ QUESADA, Alexa Ugalde. La autonomía de los cuerpos femeninos frente a las iniciativas biopolíticas: resistencias desde Costa Rica y Nicaragua durante los ochenta In: QUESADA, A.; CHINAS, C. HATZKY, C. **Biopolítica, violencias de género y resistencias en América Latina**. Ciudad Autónoma de Buenos Aires : CLACSO ; Guadalajara : CALAS, 2025, p. 200.

⁸ Menção ao texto poético “*Y Dios me hizo mujer*” de Belli, no qual elabora possíveis composições do sujeito feminino. O texto é mais um dos exemplos da presença dos debates sobre sexualidade e gênero nas obras da autora.

⁹ MACKENBACH, Werner. El testimonio en Centroamérica: entre memoria, historia y ficción. **Avatares epistemológicos e históricos.**, Cátedra Humboldt – Universidad de Costa Rica, en <vinv.ucr.ac.cr/catedrahumboldt/docs/mackenbach-testimonio.pdf>, p. 2.

pela associação com as ideologias de movimentos de esquerda pela libertação nacional (como a Frente Sandinista de Libertação Nacional, FSLN), sofre uma transformação no final dos anos 1980 e início dos 1990. Segundo Werner Mackenbach, professor doutor na Universidade da Costa Rica: “A relação semiótica revolução-testemunho se desintegra de forma crescente, especialmente nos anos noventa. A literatura se emancipa (mais uma vez) da revolução”¹⁰.

Por meio da enunciação de eventos pessoais, Gioconda Belli filia-se a esses debates, mas reelabora as lógicas clássicas da literatura testemunhal. Contrapondo-se a uma literatura voltada ao masculino, “uma história que é normalmente narrada por homens, para homens e sobre homens”¹¹, a autora oferece uma nova possibilidade narrativa para a experiência revolucionária sandinista, elaborando possíveis novos sujeitos para o protagonismo da revolução.

Em meio a uma crise política do Sandinismo, que tem como um dos eventos-marco a derrota eleitoral da FSLN, representada por Daniel Ortega nas eleições presidenciais de 1990, e uma reestruturação do cenário testemunhal nicaraguense, em *El país bajo mi piel*, ao enunciar eventos que compuseram sua trajetória, Belli fez da escrita uma ferramenta de inserção no debate público, como teorizado por Artières¹². Dos contatos com a expressiva tradição poética nicaraguense, tendo iniciado sua carreira literária como poeta, ao desenvolvimento de obras que estão vinculadas a uma tradição literária ligada à prosa, sua produção intelectual “celebrada, abundante e multifacetada [...] levanta novos temas com nuances inéditas”¹³.

¹⁰ “La relación simbiótica revolución-testimonio se desintegra de manera creciente, especialmente en los años noventa. La literatura se emancipa (una vez más) de la revolución”. MACKENBACH, *Op. Cit.*, p. 16. Tradução própria.

¹¹ SELIGMANN-SILVA, Márcio. In: RAGO, Luzia Margareth. **A aventura de contar-se: feminismos, escrita de si e invenções da subjetividade**. Campinas: Editora da UNICAMP, 2013, p. 19.

¹² RAGO, Luzia Margareth. **A aventura de contar-se: feminismos, escrita de si e invenções da subjetividade**. Editora da UNICAMP, 2013, p. 32.

¹³ “celebrada, abundante y polifacética [...] plantea temas nuevos con tonos inauditos” ESCRIBANO, Juan in: BELLI, Gioconda. **1948: antología poética**. Barcelona: Bonallettera Alcompas SL, 2017, p. 10.

Publicada em 2001, a autobiografia de Belli acompanha a trajetória da autora entre 1948, ano de seu nascimento, até meados dos anos 1990, quando a Nicarágua vê a ruína do sonho revolucionário e os consequentes governos neoliberais que assumem a administração do país. Mais do que a formulação dos eventos que marcaram as vivências de sua autora, das guerrilhas aos debates feministas, o livro elabora narrações que extrapolam sua experiência pessoal e se colocam em diálogo e embate direto com a produção mnemônica sandinista. Sua elaboração se insere em uma conjuntura de produção mnemônica na América Hispânica, em especial no decorrer pós-revolucionário na América Central, que traz os elementos do subjetivo e do cotidiano para uma narração que combina individual e coletivo¹⁴.

“¿Qué sos, Nicaragua?”: a Nicarágua em Belli

¿Qué sos/ sino un triangulito de tierra/ perdido en la mitad del mundo?(Gioconda Belli)

Gioconda Belli, na Introdução de sua autobiografia, enuncia a sentença que mobiliza todas as narrativas que se seguem: “Duas coisas que não decidi acabaram decidindo minha vida: o país onde nasci e o sexo com que vim ao mundo”¹⁵. A centralidade dos debates sobre nação e gênero é expressa reiteradamente na obra. Desde a primeira frase, a autora explicita o tom subjetivo do texto, no qual o sujeito se torna o fio condutor de uma narrativa que não somente o constrói, como também se faz elaborada por ele. Ou seja, o texto intencionalmente se coloca como um espaço de produções narrativas, através das quais se formula um eu identitário, mas também outros diversos produtos imagéticos relacionados a ele. Para Belli,

Tradução própria.

¹⁴ MOLLOY, Sylvia. **Vale o escrito: a escrita autobiográfica na América hispânica**. Argos, 2003, p. 259.

¹⁵ BELLÍ, Gioconda. **O País Sob Minha Pele: Memórias de amor e guerra**. Rio de Janeiro: Editora Record, 2002, p. 15.

a Nicarágua não pode ser narrada sem a devida elaboração dos sujeitos que a compõem.

Localizada na América Central, fazendo fronteira com Honduras, Costa Rica e dois oceanos, uma a princípio modesta e singela Nicarágua pode passar despercebida aos olhos desatentos. Os pouco menos de 10 milhões de habitantes e a pequena extensão territorial, contudo, deixam escapar a percepção da complexidade de sua conjuntura sócio-histórica. Sendo o único representante da vitória de um movimento revolucionário na América Latina após Cuba, o país segue suscitando questionamentos.

Desde sua independência, em 1821, essa pequena porção de terra foi permeada por tensas relações políticas¹⁶. As desavenças entre a classe latifundiária, dividida entre liberais e conservadores, somadas às interferências imperialistas no país — os fuzileiros navais estadunidenses, entre 1849 e 1933, invadiram o território nicaraguense por 14 vezes — marcaram a construção dos cenários políticos pós-independência na Nicarágua.

No início do século XX, período no qual o país foi governado por uma série de presidentes conservadores apoiados pelos Estados Unidos, alguns importantes nomes da história recente nicaraguense ganharam destaque. Augusto César Sandino foi, definitivamente, um dos principais deles. Influenciado pelo anarquismo, Sandino levava consigo o rubro-negro e chegou a assinar cartas com o lema “Propriedade é roubo”. Além disso, protagonizou a guerra contra os fuzileiros estadunidenses, assumindo o lema “Pátria e Liberdade” na criação do Exército Defensor da Soberania Nacional (EDSN)¹⁷.

O homem de olhar profundo e chapéu de abas largas foi um dos ícones da resistência nicaraguense à intervenção estadunidense. Sandino liderou grupos de ação popular campesina, utilizando táticas de guerrilha

¹⁶ **NICARAGUA: a country study**. Coautoria de Tim Merrill. 3rd. ed Washington, DC: [s.n.], 1994, pp. xxvi-xxvii.

¹⁷ BASTOS, Bianca da Costa. Direção fracionada: a formação do Partido da Frente Sandinista e as disputas internas das Tendências pelos projetos políticos na Nicarágua (1957 – 1990) In: **ANPUH**, 32, 2023, São Luís-MA, p. 4.

amplamente reconhecidas por movimentos revolucionários. Todavia, seu fim não foi rodeado por honrarias. Deixando as montanhas das Segóvias, onde permanecia com o EDSN, mesmo após a assinatura de um acordo de paz com o presidente liberal eleito após a retirada dos EUA, Juan B. Sacasa, o líder da guerrilha dirigiu-se rumo a Manágua. O guerrilheiro buscava denunciar as violências sofridas pelo EDSN pela Guarda Nacional, que fugia do controle do novo presidente e tensionava os limites do acordo de paz, oprimindo as forças de guerrilha que ocupavam as montanhas.

Após algumas festividades na capital, Sandino foi assassinado em 1934, numa emboscada planejada, dentre outros membros da Guarda, por Anastasio Somoza García. Somoza, nos anos seguintes, alcançaria o poder presidencial, dando início a uma ditadura familiar que perduraria nas décadas posteriores¹⁸. A ditadura familiar dos Somoza somente se finalizaria em 1979, quando a Revolução Sandinista — cujo nome remonta diretamente à figura de Sandino — depôs Anastasio Somoza Debayle, filho de Anastasio S. García.

Embora o escopo temporal da narração de *El país bajo mi piel* se inicie em 1948, com a enunciação das contrações da mãe de Belli, a autora não se exime da narração dos eventos históricos que antecederam seu nascimento, envolvendo o leitor em sua própria interpretação da história nicaraguense. Gioconda descreve uma Nicarágua reprimida, desigual, mas com um extremo potencial de libertação. Nicarágua esta que não se encerra como mera localização geográfica, mas que também compõe a própria construção identitária da autora.

Ao narrar o contexto que levou ao seu nascimento, um jogo de beisebol no estádio onde se erguia uma estátua do ditador Somoza García, a intelectual associa seu próprio nascimento ao futuro desenvolvimento de sua participação em movimentos revolucionários para a libertação de seu país. A despeito de sua origem familiar burguesa, suas vivências não poderiam ser outras, visto que já estariam delimitadas pelo momento das

¹⁸ VELÁSQUEZ RIVERA, Edgar. **Historia comparada de la transición a la democracia en Nicaragua y Panamá**. Bogotá: Ediciones Ántropos, 2021, p. 31.

contrações de sua mãe. Gioconda Belli elabora seu percurso revolucionário quase como inevitável, predestinado.

Quem sabe que sinais seriam transmitidos ao líquido amniótico, mas em vez de terminar como esportista com um bastão nas mãos, acabei empunhando todas as armas à minha disposição para expulsar todos os herdeiros do senhor do cavalo [...] Os sonhos revolucionários encontraram em mim solo fértil. O mesmo sucedeu com outros sonhos próprios do meu gênero.¹⁹

Assim como esta, outras estratégias compõem a formulação das ideias e imagens criadas, complexificadas e compartilhadas ao longo da obra. Os usos de suas lembranças em diálogo direto com a memória coletiva de outros grupos identitários não é o único marco da construção do eu intelectual de Belli ao longo da autobiografia. Ao longo da obra, a autora explora a narrativa histórica ao, por exemplo, relatar parcelas da história nicaraguense no pós-independência em um capítulo que se passa no ano de 1998. Fazendo alusão à tentativa de construção de um canal na Nicarágua que conectasse os oceanos Atlântico e Pacífico, ideia orquestrada pelo magnata norte-americano Cornelius Vanderbilt, Gioconda Belli abre espaço para elaborar os fantasmas das intervenções estadunidenses em seu país.

Não restou do canal nicaraguense mais do que a sombra da possibilidade, mas esta foi suficiente para que os Estados Unidos se preocupassem em assegurar seu domínio e se dedicassem a ser juiz e parte no pequeno e rebelde país, no qual as guerras pareciam não acabar nunca.²⁰

O trecho é um exemplo explícito da enunciação da intelectualidade da escritora. Mais do que responsável pela narração das próprias experiências, Belli se assume como intérprete de um passado longínquo da

¹⁹ BELLI, Gioconda. **O País Sob Minha Pele: Memórias de amor e guerra**. Rio de Janeiro: Editora Record, 2002, p. 15.

²⁰ BELLI, *Op. Cit.*, p. 27.

Nicarágua. Seu arcabouço narrativo não se limita a mera exposição de suas memórias pessoais, mas se desenvolve também a partir da associação delas e de seu passado com o próprio passado do país. Gioconda, enquanto protagonista não somente da autobiografia, como também da história nicaraguense, não se restringe à experiência particular da revolução. Ela se insere em uma tradição de embates entre opressões e resistências, que remonta às próprias tensões da instituição do Estado nicaraguense.

Tal qual o país sob sua pele, Belli desenvolve sua trajetória em uma jornada permeada por tensões. A autora cresceu em um berço familiar privilegiado, sendo descendente de imigrantes italianos e parente distante de Emiliano Chamorro, que presidiu a Nicarágua em 1917 e, interinamente, em 1926. Sua mãe, Glória Pereira, fundou o Teatro Experimental da Nicarágua e seu pai, Humberto Belli, nome também de seu irmão, era empresário. A autora afirma ter sido uma criança “educada, doce e bem-comportada”²¹, mergulhada num universo literário que a permitiu imaginar realidades outras²².

Belli se constrói em meio a inúmeras complexidades. Possuindo uma criação sob os signos da moral burguesa, que predefiniram uma configuração estrita do papel dito feminino ligada principalmente à maternidade e ao matrimônio, o patriarcado influenciou diretamente as formas pelas quais ela construiu suas subjetividades. Todavia, ao longo de sua narrativa autobiográfica, a intelectual reformula as possibilidades associadas à existência como mulher, elaborando-as também como possibilidades de libertação. Gioconda intersecciona, por meio da escrita, vivências que dialogam com suas formulações sobre a Nicarágua, a Revolução e as diversas possibilidades de agência nesses espaços.

Sua narração das possibilidades múltiplas de existências como mulher, ainda que vinculadas à sua própria experiência, articulam-se

²¹ BELLI, Gioconda. **O País Sob Minha Pele: Memórias de amor e guerra**. Rio de Janeiro: Editora Record, 2002, p. 27.

²² Sylvia Molloy debate a construção da figura intelectual a partir da autobiografia, na qual a elaboração de uma imagem de infância ligada à literatura se revela um grande marco da persona intelectual almejada.

também com os debates em torno da autonomia de mulheres nos anos 1980 e 1990. Ao analisar produções intelectuais de mulheres frente a iniciativas biopolíticas de controle de corpos femininos na Nicarágua e na Costa Rica, a pesquisadora Alexia Ugalde Quesada, da Universidade da Costa Rica, investigou o crescimento de uma intelectualidade feminina vinculada à compreensão da opressão ligada às condições de gênero²³. Dentre as mobilizadoras dessas discussões na Nicarágua, Quesada destaca a revista *Somos*, órgão da Associação de Mulheres Nicaraguenses Luisa Amanda Espinoza (AMNLAE), cujo objetivo era, segundo Ileana Rodriguez, a centralização da organização das mulheres frente à abertura dos debates ideológicos pós-regime somozista.

A AMNLAE enfrentou críticas de diferentes setores sandinistas, de homens do movimento que não reconheciam sua legitimidade e lançavam acusações de divisionismo e particularização das lutas femininas²⁴ a feministas que exigiam uma postura mais firme pela defesa dos direitos das mulheres e uma denúncia do machismo dentro da FSLN. Ainda que a associação sandinista, bem como a *Somos*, não se assumisse como uma organização feminista, Quesada afirma que os discursos desse movimento influenciaram os debates intelectuais da revista, ocasionando uma transformação em seus posicionamentos na segunda metade dos anos 1980²⁵.

Belli, por outro lado, nunca negou a influência feminista em sua produção intelectual. Em *El país bajo mi piel*, a autora narrou seus primeiros contatos, ainda nos anos 1960, com a literatura de autoras da segunda onda do movimento — “Por essa época lia livros feministas.

²³ QUESADA, Alexa Ugalde. La autonomía de los cuerpos femeninos frente a las iniciativas biopolíticas: resistencias desde Costa Rica y Nicaragua durante los ochenta In: QUESADA, A.; CHINAS, C. HATZKY, C. **Biopolítica, violencias de género y resistencias en América Latina**. Ciudad Autónoma de Buenos Aires : CLACSO ; Guadalajara : CALAS, 2025, p. 201.

²⁴ SÁEZ, Gema D. Palazón *apud*: QUESADA, Op. Cit., p. 210.

²⁵ QUESADA, Alexa Ugalde. La autonomía de los cuerpos femeninos frente a las iniciativas biopolíticas: resistencias desde Costa Rica y Nicaragua durante los ochenta In: QUESADA, A.; CHINAS, C. HATZKY, C. **Biopolítica, violencias de género y resistencias en América Latina**. Ciudad Autónoma de Buenos Aires : CLACSO ; Guadalajara : CALAS, 2025, p. 204.

Germaine Greer, Betty Friedan, Simone de Beauvoir.”²⁶ — e sua militância ativa nas lutas por direitos das mulheres, já nos anos 1980²⁷. A análise desses dois casos, mesmo que divergentes, revela como a ascensão dos debates feministas na América Central durante a década de 1980, impactou a formulação das possibilidades acerca dos lugares ocupados por mulheres no espaço público.

De acordo com Quesada, as feministas na América Central reconheciam uma relação entre a reprodução e a subordinação social das mulheres e demandavam uma atenção aos direitos das mulheres de planejarem suas vidas. Sexualidade e maternidade, por exemplo, para além de questões biológicas, precisariam ser analisadas a partir de suas dimensões psicológicas, sociais e éticas. Gioconda Belli, para além da defesa da emancipação sexual em sua atuação na esfera pública, trabalha, em suas obras, a celebração da sexualidade.

Ao questionar a insignificância ou insuficiência dos lugares femininos, espaços frequentemente associados à opressão e à submissão, Gioconda Belli propõe sua resignificação no contexto nicaraguense. As mulheres, para a autora, ainda que associadas à terra, à maternidade e à sexualidade, não seriam um mero objeto do olhar masculino — como também de suas vontades e amores. Elas seriam sujeitos da própria história e da História como um todo. Em *El país bajo mi piel*, esse movimento é continuado por meio da narração de personagens femininas ambíguas, imperfeitas e questionáveis, mas jamais omissas.

A partir de estratégias narrativas como essas, Belli (re)constrói símbolos, identidades e possibilidades de resignificar as experiências de diferentes sujeitos no contexto ditatorial e revolucionário nicaraguense. Como mencionado, Gioconda Belli propõe uma revisitação das percepções acerca dos lugares sociais lidos enquanto femininos. O matrimônio, a maternidade, a sexualidade e a existência como mulher, passam a ser definidos,

²⁶ BELLI, Gioconda. **O País Sob Minha Pele: Memórias de amor e guerra**. Rio de Janeiro: Editora Record, 2002, p. 53.

²⁷ BELLI, *Op. Cit.*, p. 130.

pela autora, como espaços de agência e não apenas como estruturas limitadoras do ser mulher. Em primeiro plano nas narrativas textuais e imagéticas da obra, o gênero feminino e as atribuições a ele vinculadas mobilizam um processo de subversão dentro do texto. Definida pelo que não pode escolher — o sexo com o qual nasceu —, Belli assume e constrói sua identidade como mulher, reocupando os espaços comuns do feminino sem se limitar às pré-determinações vinculadas a eles.

Desde que eu era pequena, ela [mãe de Belli] sempre me falou do corpo humano com reverência. Dizia corpo humano, com a mesma entonação que outras senhoras, suas amigas, diziam Jesus Cristo, ou seja, referindo-se a algo sagrado, [...] Na adolescência, quando se deu conta de que a lua, as marés e os hormônios estavam a ponto de revelar-me os segredos que a natureza reserva às mulheres, chamou-me a seu quarto uma tarde assim que regresssei do colégio. Passou a chave na porta e, sentada diante de sua penteadeira, fez-me tomar assento diante dela para falar-me das mudanças e surpresas que meu corpo preparava. [...] Não me recordei suas palavras exatas, mas sim a sensação de maravilha e poder que me invadiu.²⁸

Utilizando das configurações comuns sobre as figuras contrastantes do feminino e masculino, Belli se elabora enquanto componente de um limbo conceitual entre ambas. Entre a figura da mulher pura, realmente feminina, que seria completa ao permanecer nas funções “clássicas” — a maternidade, o casamento e a doçura — e a figura subversiva, quase masculina, que se colocaria publicamente frente às possibilidades da vida — o poder, o sexo e a independência —, a existência da autora permanece inconceituável. A desordem identitária através da qual se constrói leva, por fim, à certeza de pluralidade nas possíveis existências como mulher. Nem “mulher”, nem “homem”, mas também sendo ambos ao mesmo tempo, a autora brinca com as limitações dos conceitos quando transpassados para a realidade.

²⁸ BELL, Gioconda. **O País Sob Minha Pele: Memórias de amor e guerra**. Rio de Janeiro: Editora Record, 2002, pp. 46-47.

Fui duas mulheres e vivi duas vidas. Uma de minhas mulheres queria fazer tudo segundo os clássicos anais da feminilidade: casar, ter filhos, ser complacente, dócil e bem nutrida. A outra queria os privilégios masculinos: independência, valer-se por si mesma, ter uma vida pública, agitação, amantes. Aprender a balanceá-las e unificar suas forças, para que não me superassem com suas lutas de mordidas e puxões de cabelo, tomou grande parte de minha vida. Creio que ao fim consegui com que ambas coexistam sob a mesma pele. Sem renunciar a ser mulher, creio que consegui também ser homem.²⁹

Herdeira de uma *homosociedad nicaraguense*³⁰, como afirma a pesquisadora Margarita Vannini, Belli contrapõe a “racionalidade ocidental heteronormativa do binômio masculino-feminino”³¹, que restringe a atuação das mulheres ao âmbito privado. A narração de pátria, nação ou território, passa a ser, a partir da afirmação de sua intelectualidade, também um espaço de atuação de mulheres. A construção dos heróis e do imaginário patriótico na América Latina que, segundo a pesquisadora Beatriz González Stephan, era formulada por intelectuais do final do século XIX através de modelos de masculinidades, agora poderia assumir novos protagonistas e agentes históricos³².

A interpretação da Nicarágua ao longo da autobiografia associada com a exposição de diferentes experiências e sujeitos que protagonizam as vivências nicaraguenses evidencia: Belli não abre mão da nação como

²⁹ BELLI, Gioconda. **O País Sob Minha Pele: Memórias de amor e guerra**. Rio de Janeiro: Editora Record, 2002, pp. 15-16.

³⁰ Na obra *Política y memoria en Nicaragua Resignificaciones y borraduras en el espacio público* (2021), Vannini investiga as diferentes políticas de memória governamentais em três períodos distintos da história nicaraguense. Ao trabalhar representações de masculinidade na Nicarágua e sua relação com a estrutura social, Vannini define a *homosociedad* nicaraguense, ao citar Domínguez Ruvalcaba, como a sociedade na qual “a estrutura hierárquica do patriarcado determina a sistematização simbólica que estabelece correspondência entre a estrutura de gênero e a estrutura social” (tradução própria). DOMÍNGUEZ RUVALCABA *apud* VANNINI, Margarita. **Memoria y política en Nicaragua: Resignificaciones y borraduras en el espacio público**. F&G Editores, 2021, p. 90.

³¹ “la racionalidad occidental heteronormativa del binomio masculino-femenino”. VANNINI, *Op. Cit.*, p. 90. Tradução própria.

³² STEPHAN *apud*: VANNINI, *Op. Cit.*, p. 93.

componente identitário, ao mesmo tempo em que revela as diferentes vivências de outras identidades para além da nicaraguense. A partir da sua obra autobiográfica, a autora revisita o debate de formulação da identidade nicaraguense, compreendendo-a como múltipla, definida pelo plural. Como numa literatura de auto-diagnóstico³³, ela produz respostas para uma das questões que fundamentam os debates latino-americanos: quem somos nós, nicaraguenses? A pergunta levantada e respondida por Belli, todavia, parece ir além da composição que estrutura este conceito. Mais que procurar entender quem são os nicaraguenses, Belli parece questionar: quais deles têm o direito de narrar?

“La escritora de cara al milenio” : o diálogo com tradições mnemônicas

Arrastrando largas túnicas/ sucias con el polvo de las cosas pasadas,/ mil años se alejan (Gioconda Belli)

El país bajo mi piel conversa diretamente com uma tradição autobiográfica que se inicia no século XIX com a necessidade de se construir historicamente o surgimento de nações, mas que abre espaço para o próprio processo autorreflexivo do narrar autobiográfico que embebe as produções hispano-americanas no século XX. Essas caracterizações da obra não somente dialogam com as transformações da narrativa autobiográfica na América hispânica como também com o espaço que se abre na Nicarágua, após a derrota do governo sandinista, em que emergem vozes dissonantes do discurso oficial sandinista.

A argentina Sylvia Molloy, escritora e Doutora em Literatura, debateu ao longo de suas produções ensaísticas e fictícias as possibilidades em torno da memória, da tradução e da autobiografia. Em “Vale o escrito: a escrita autobiográfica na América hispânica” (2003)³⁴, a escritora articula

³³ ALTAMIRANO, C. Idéias para um programa de História intelectual. **Tempo Social**, v. 19, n. 1, p. 9–17, jun. 2007, p. 16.

³⁴ A publicação original do trabalho, *At Face Value: Autobiographical Writing in Spanish America*,

literatura e automodelagem do eu ao analisar “as estratégias textuais, as atribuições genéricas e, claro, as percepções de si que informam os textos autobiográficos escritos na América hispânica”³⁵.

Por sua vez, Márcio Seligmann-Silva, historiador e crítico literário, trabalha com os estudos de testemunho como conceito fundamental desde seu livro “História, memória, literatura: o testemunho na era das catástrofes” (2003). Ele desenvolveu, em sua obra “A virada testemunhal e decolonial do saber histórico” (2022), a análise do testemunho como elaborador de memória e esquecimento que, juntos, estão atrelados à construção imagética de grupos, culturas e nações: “A memória nos vincula. Ao compartilhar memórias construímos um bem comum que nos une. Toda memória [...] é de algum modo coletiva.”³⁶. A partir de uma virada testemunhal do saber histórico, a memória encontra outro espaço de debate na narrativa historiográfica. Com influência dos debates pós-coloniais, o corpo e o lugar que ele habita passa a ser considerado na análise da construção de narrativas e epistemologias³⁷.

A história, afinal, é uma sucessão de narrativas [...] Nossas “comunidades imaginadas” são construídas com peças, com imagens da memória, que servem de esteio para criar o nosso “em comum”.³⁸

Seligmann-Silva elabora o papel das imagens e símbolos na elaboração de memórias comuns. Esses símbolos, todavia, não permanecem estáticos no tempo e espaço. Dos nacionalismos analisados por Benedict Anderson no fim do século XX às novas comunidades de memória do tempo presente, outras bases mnemônicas passam a quebrar a pretensão

remonta ao ano de 1991.

³⁵ MOLLOY, Sylvia. **Vale o escrito: a escrita autobiográfica na América hispânica**. Argos, 2003, p. 14.

³⁶ SELIGMANN-SILVA, Márcio. **A virada testemunhal e decolonial do saber histórico**. Editora da UNICAMP, 2022, p. 16.

³⁷ *Ibid.*, p. 19.

³⁸ SELIGMANN-SILVA, Márcio. **A virada testemunhal e decolonial do saber histórico**. Editora da UNICAMP, 2022, p. 30.

unitária do conceito de nação em prol do destaque de diferentes identidades raciais, de gênero, etc. A construção identitária formulada na autobiografia de Belli se relaciona diretamente com essa transformação da narração mnemônica. É justamente essa passagem que permite, para o historiador, a ascensão dos testemunhos e dispositivos testemunhais.

O que chamo de *virada testemunhal do saber histórico* determina novas modalidades de construção da memória, atravessadas pelos corpos, pela experiência individual e coletiva, e despede-se aos poucos da noção mais abstrata e artificial de uma unidade do “povo” e da “nação”.³⁹

Esse movimento é também explorado por Molloy no contexto das autobiografias. Ainda que seu livro tenha sido publicado inicialmente em 1991, concentrando seu escopo em obras autobiográficas dos séculos XIX e XX e não considerando as discussões posteriores trabalhadas em obras do XXI, ele debate a subjetivação das autobiografias na América hispânica a partir da ampliação dos debates para além do discurso nacional.

Segundo Molloy, no século XIX, a autobiografia foi, geralmente, legitimada como história e justificada por seu valor documental. O autobiógrafo do XIX reprimia o nostálgico, descartava a lembrança da infância e a orientava de modo preciso, não refletindo sobre as complexidades da memória. Recuperando as obras autobiográficas de Sarmiento, Molloy argumenta: “a autobiografia parece um veículo perfeito para a história e, concretamente na América hispânica, para a nova história dos recém-formados países”⁴⁰ e “O exercício de memória não é tanto exercício de um sujeito solipsista como dever cívico: lembrar para não perder um passado comum”⁴¹.

Divergindo da tradição autobiográfica do XIX, as autobiografias do século XX passam a tomar a memória como objeto de reflexão:

³⁹ *Ibid.*, p. 31.

⁴⁰ MOLLOY, Sylvia. **Vale o escrito: a escrita autobiográfica na América hispânica**. Argos, 2003, p. 229.

⁴¹ *Ibid.*, p. 237.

Há uma forte tendência a escrever *como* se a memória do autor abarcasse um passado de horizontes muito mais amplos do que o da sua própria existência biológica [...] A abertura da memória individual à memória dos outros sem dúvida contribuiu ao tom nostálgico de muitas autobiografias hispano-americanas⁴².

O que Molloy denomina de *petit histoire*, a valorização do cotidiano, previamente excluído das autobiografias do XIX, reaparece como História nos textos do XX. As memórias coletivas unem-se à memória do autobiógrafo, tornando-a mais ampla: “As lembranças se tornam território, a memória se expande e abarca toda a superfície do país, espécie de nova pátria em que a autobiografia manda”⁴³. Embora Molloy, no trecho anterior, esteja se referindo à autobiografia de Victoria Ocampo, um movimento semelhante se faz presente na obra de Gioconda Belli. A nicaraguense, ao se exilar na Costa Rica para se proteger da perseguição somozista, narra como a distância da sua nação seca suas palavras, como se sua memória e produção intelectual estivessem condicionadas ao contato com o país: “A poesia me abandonou. Apenas um poema ocasional. Sem a Nicarágua eu secava. A beleza da Costa Rica não conseguia despertar-me”⁴⁴.

As autobiografias do XX fazem coexistir e complementarem-se a memória individual e a coletiva. Juntos, esses dois tipos de memória constroem uma “reliquia secularizada”⁴⁵ que preserva um passado comunitário ao mesmo tempo em que guarda detalhes da vida pessoal, elaborando o autobiógrafo como testemunha privilegiada e autodesignada de um passado. Ainda assim, essas autobiografias não deixam de lado a reflexão sobre as complexidades e dilemas da memória presentes no texto

⁴² MOLLOY, Sylvia. **Vale o escrito: a escrita autobiográfica na América hispânica**. Argos, 2003, p. 257.

⁴³ *Ibid.*, p. 259.

⁴⁴ BELLÍ, Gioconda. **O País Sob Minha Pele: Memórias de amor e guerra**. Rio de Janeiro: Editora Record, 2002, p. 186.

⁴⁵ Molloy recupera o conceito de Walter Benjamin. MOLLOY. *Op. Cit.*, p. 265.

autobiográfico: “A aceitação cega da memória foi substituída pela reflexão e, talvez, pela dúvida”⁴⁶.

O autobiógrafo hispano-americano se caracteriza por sua forte vocação ao testemunho: não se considera meramente testemunha deste passado ampliado, é a *única* testemunha de um período que se foi, um período que será preservado apenas em seu relato.⁴⁷

O estudo dos textos de teor testemunhal, como as autobiografias, como objetos históricos, a partir do século XX, dialoga diretamente com uma contestação do modelo historicista da construção histórica. Seligmann-Silva evoca esse debate trazendo as proposições críticas de Walter Benjamin às narrativas históricas tradicionais. As noções de universalidade da história, erigida por um progresso linear, pela empatia aos vencedores e “grandes civilizações” são contrapostas por uma nova prática crítica da história que volta seu olhar aos oprimidos, compreendendo uma descontinuidade do tempo histórico: “Essa potente linhagem testemunhal ocorre em um século marcado pela ascensão do dispositivo testemunhal como meio de inscrição e tentativa de elaboração dos traumas do século”⁴⁸.

Na América Central, o testemunho ocupa uma posição fundamental nos campos literários e políticos, especialmente a partir dos anos 1960. Mackenbach afirma que o trabalho da memória, entre articulações e formulações, tem sido uma estratégia fundamental para a elaboração das consequências de uma história marcada por genocídios, conflitos armados e massacres⁴⁹. Nas últimas décadas, as práticas cultural-escriturais, em especial os testemunhos, protagonizaram esses debates.

⁴⁶ *Ibid.*, p. 308.

⁴⁷ *Ibid.*, p. 260.

⁴⁸ SELIGMANN-SILVA, Márcio. **A virada testemunhal e decolonial do saber histórico**. Editora da UNICAMP, 2022, p. 101.

⁴⁹ MACKENBACH, Werner. El testimonio en Centroamérica: entre memoria, historia y ficción. **Avatares epistemológicos e históricos.**, Cátedra Humboldt – Universidad de Costa Rica, en <vinv.ucr.ac.cr/catedrahumboldt/docs/mackenbach-testimonio.pdf>, p. 2.

Para Mackenbach, os testemunhos nos anos 1980 se aproximaram dos diálogos com a historiografia, em uma mobilização pelo resgate de uma memória coletiva, signo da verdade após anos de movimentos ditatoriais e conflitos violentos. Na Nicarágua, esse movimento é bastante evidente. Caracterizados como uma expressão do nacionalismo revolucionário na literatura, as práticas testemunhais tornaram-se dispositivos centrais para o desenvolvimento do projeto de libertação nacional⁵⁰, frente à necessidade de reconstrução da noção de nacional com os sandinistas no poder durante os anos 1980. Sob o mote de democratização da cultura, o governo sandinista privilegiou em seus primeiros anos o desenvolvimento de medidas de incentivo a produções culturais, como os *Talleres de poesía*.

Em 1980, por exemplo, a Cruzada Nacional de Alfabetização, uma das mais marcantes iniciativas sandinistas após a vitória da revolução, mobilizou um projeto de história oral, que pretendia a compilação de testemunhos da população que havia participado da luta contra as forças ditatoriais somozistas. Os relatos reunidos seriam, de acordo com a FSLN, a base para uma nova história nicaraguense, contada a partir de baixo por seus protagonistas⁵¹. O esforço pela construção de sólidas políticas públicas de memória pelo governo sandinista se orientava, para além de uma estratégia de consolidação de uma nova perspectiva do sujeito nacional — agora não atrelado ao imaginário somozista —, por uma estratégia de coesão da população em defesa do projeto nacional revolucionário.

Nesse cenário, os testemunhos tornaram-se meio da recuperação de uma identidade nacional e unidade política. Biografias de mártires da resistência ao somozismo passam a compor um efervescente cenário editorial no país⁵². A derrota eleitoral da FSLN em 1990, contudo, transformou esse espaço editorial. O testemunho que antes havia sido

⁵⁰ *Ibid.*, p. 11.

⁵¹ VANNINI, Margarita. **Memoria y política en Nicaragua: Resignificaciones y borraduras en el espacio público**. F&G Editores, 2021, p. 96.

⁵² SÁEZ, Gema D. Palazón. «El país bajo mi piel»: Memoria, representación y discurso femenino en la obra de Gioconda Belli. **Revista de Historia de América**, 2006, p. 36.

canonizado como expressão do nacionalismo revolucionário, tornou-se espaço de diálogo entre distintas leituras do processo revolucionário.

No caso nicaraguense, se o testemunho das décadas de setenta e oitenta esteve ligado à denúncia dos abusos da ditadura e à experiência da luta para alcançar o triunfo e a manutenção do projeto revolucionário, na década de noventa, com a mudança de governo, abriu-se uma nova etapa com o surgimento de novos textos confessionais que, partindo da experiência traumática da guerra ou da revolução, reformularam o campo cultural dos anos anteriores⁵³.

Gema Palazón Sáez, especialista em literatura latino-americana, debate a posição de *El país bajo mi piel* dentro deste contexto no artigo ““*El país bajo mi piel*”: memoria, representación y discurso femenino en la obra de Gioconda Belli”. Para a pesquisadora, a delimitação conflituosa da obra autobiográfica de Belli como componente do arcabouço testemunhal nicaraguense perpassa pela dimensão poética e pessoal que envolve a trama narrativa. A presença intensa de seu eu poético e seu eu testemunhal ao longo da narração de eventos históricos, todavia, funciona como legitimação de suas postulações sobre a história recente da Nicarágua. O texto de 2001, nesse sentido, insere-se na esfera testemunhal nicaraguense ao produzir interpretações mediadas da história da Nicarágua e da Revolução Sandinista por meio do uso de suas memórias individuais em diálogo com a memória coletiva da nação, como teorizado por Molloy.

O ingresso de Belli no cenário testemunhal nicaraguense não somente representa a constituição de uma perspectiva de análise do processo revolucionário externa ao movimento sandinista, ainda que Belli, componente da FSLN desde 1970, houvesse se desligado da Frente Sandinista

⁵³ “En el caso nicaragüense, si el testimonio de los años setenta y ochenta había estado ligado a la denuncia sobre los abusos de la dictadura y la experiencia de la lucha por lograr el triunfo y sostenimiento del proyecto revolucionario, en la década de los noventa y con el cambio de gobierno, se abría una nueva etapa con la aparición de nuevos textos confesionales que, tomando como punto de partida la experiencia traumática de la guerra o la revolución, reformulaban el campo cultural de los años precedentes.” SÁEZ, Op. Cit., p. 40. Tradução própria.

em 1993⁵⁴. Seu texto autobiográfico elabora, a partir da narração de suas memórias como guerrilheira, uma perspectiva diversa do sujeito revolucionário canônico.

A intensa conexão entre testemunho e construção identitária na América Latina também revelou a importância do exame dos debates sobre identidade. Frente ao processo de universalização da identidade revolucionária como representação de um novo projeto de nação após a vitória da Revolução Sandinista em 1979 e a seguinte contestação da suposta unidade, a autobiografia de Belli se insere em um contexto de surgimento de vozes divergentes na narração da nação. Com a derrota eleitoral do governo sandinista em 1990 e a possibilidade de novos grupos, anteriormente invisibilizados ou silenciados, encontrarem espaços para narrar os processos históricos vivenciados no país, os testemunhos tornam-se ferramentas de contestação. Belli protagoniza uma iniciativa de elaborar a Nicarágua como composta por uma pluralidade de sujeitos, ideologias e atuações. Em *El país bajo mi piel*, a identidade nicaraguense é elaborada para além do sujeito revolucionário e intelectual masculino.

“Luciérnagas”: considerações finais

El tiempo nos ha vaciado de fulgor./ Pero la oscuridad/ Sigue poblada de luciérnagas. (Gioconda Belli)

Nicaráguas, experiências femininas e guerrilheiras e vivências do exílio são imagens através das quais Gioconda Belli desenvolve e potencializa construções retóricas que, ainda que abordadas a partir da perspectiva de experiências individuais, emaranham-se a existências coletivas. “O ‘eu’ fala a partir de mais de um lugar” e, concomitantemente, produz a respeito de outros⁵⁵. Para além da construção da auto-imagem, sustentada pelo

⁵⁴ GONTIJO, Stella. **Hasta que seamos libres: Feminismo e Revolução Sandinista nas obras de Gioconda Belli (1972–1993)**. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal Fluminense, Niterói, p. 176.

⁵⁵ MOLLOY, Sylvia. **Vale o escrito: a escrita autobiográfica na América hispânica**. Argos,

autobiógrafo no presente de sua narração, o teor testemunhal do texto é evocado refletindo a dimensão comunitária do exercício autobiográfico. Nesse sentido, a escritora não se limita ao infinito da subjetividade e narra, em um gesto público, concepções acerca das reverberações coletivas de sua própria história, fundamentando, assim, sua intelectualidade.

Tendo como marco inicial do texto o ano de 1948, enquadrando os momentos imediatamente anteriores ao nascimento de Belli, *El país bajo mi piel* dissocia-se de uma organização temporal linear e incorpora relatos que dialogam diretamente com diferentes esferas temporais. As relações de causa-consequência elaboradas e presentes na própria estruturação narrativa do texto passam a ser delineadas, de modo a evidenciar, por exemplo, os laços que integram a existência de Belli aos coletivos que compõem essa identidade.

A obra autobiográfica de Belli assume um papel importante na elaboração de novas narrativas sobre as vivências sociais, políticas e históricas da Nicarágua. Publicada em 2001, uma década após a derrota eleitoral da FSLN e sete anos após sua dissidência do partido, *El país bajo mi piel* assume o papel de narrar uma história que passa por constantes reformulações: da derrota do somozismo, à construção do Estado sandinista, à reelaboração da Nicarágua com a chegada de Chamorro no poder. Inserindo-se no espaço testemunhal nicaraguense em um momento que possibilita a elaboração de narrativas advindas de vozes dissonantes do discurso oficial sandinista, Belli não se coloca em oposição direta ao Sandinismo, mas não deixa de elaborar críticas relativas ao movimento, defendendo, assim, outras possibilidades da atuação revolucionária.

O tom subjetivo utilizado na autobiografia não diminui a potencialidade dela como documento de representação coletiva, nem reduz a intencionalidade do texto. “[...] para quem, então, se escreve [a autobiografia]? Para a Verdade? Para a Posteridade? Para a História — a disciplina a que tantos escritores de autobiografias se voltariam em busca de uma fonte de

2003, pp. 18-22.

validação?”⁵⁶, questiona Sylvia Molloy. Em *El país bajo mi piel*, Belli parece escrever pelo direito de narrar uma nação, agora evidenciando os sujeitos que a sustentaram, mas que por tantas vezes foram silenciados. Quem são os nicaraguenses, afinal? Guerrilheiras, mães, mulheres, intelectuais; os nicaraguenses narrados por Belli são mais que a figura masculina do cânone revolucionário.

Ao narrar a Nicarágua a partir da experiência individual, Gioconda Belli se afirma como intelectual, inaugurando uma perspectiva no formato discursivo que representa o epicentro da atividade intelectual na América Central, o gênero testemunhal. A forte “vocalização ao testemunho” do autobiógrafo, enunciada por Molloy, é, no texto de 2001, recuperada em prol da elaboração de uma intelectualidade que se propõe a partir do ato ético de mediação da realidade.

Com *El país bajo mi piel*, Belli se autossustenta enquanto voz autorizada e garante, para si, o protagonismo narrativo da história recente de sua nação, inserindo-se no rol dos intelectuais nicaraguenses, sem deixar de lado a abordagem de temáticas voltadas aos debates de gênero. Se a definição de intelectualidade transcende o gênero, Belli nos convida a expandir o questionamento, levando-nos a perguntar: quem pode ser o intelectual? Suas publicações, para além da autobiografia, revelam um esforço contínuo de reivindicação ao direito pela narrativa histórica, desafiando cânones patriarcais e expandindo as possibilidades de configuração dos sujeitos intelectuais⁵⁷.

⁵⁶ MOLLOY, Sylvia. **Vale o escrito: a escrita autobiográfica na América hispânica**. Argos, 2003, p. 17.

⁵⁷ Em uma pesquisa de mestrado, desenvolvida atualmente no Programa de Pós-Graduação em História da Unicamp sob orientação da professora doutora Ivya Minelli, procuro ampliar essa noção por meio do acréscimo de duas outras fontes ao escopo da pesquisa. Assim, *La mujer habitada* (1988) e *Un silencio lleno de murmullos* (2024) se unem a *El país bajo mi piel* (2001) como objeto de análise das expressões de um projeto intelectual que pretende a afirmação de Gioconda Belli como intérprete dos ecos da Revolução Sandinista na Nicarágua. Esta inquietação parte de uma informação recentemente declarada por Belli, ao, em 2025, afirmar que o romance publicado em 2024 dá fim a uma trilogia involuntária produzida ao longo de sua trajetória.

Referências

- ALTAMIRANO, C.. Idéias para um programa de História intelectual. *Tempo Social*, v. 19, n. 1, p. 9–17, jun. 2007.
- ALTAMIRANO, Carlos. “Élites culturales en el siglo XX latinoamericano”. *Historia de los intelectuales en América Latina. (vol. 2)*. Madri: Katz Editores, 2010.
- BASTOS, Bianca da Costa. Direção fracionada: a formação do Partido da Frente Sandinista e as disputas internas das Tendências pelos projetos políticos na Nicarágua (1957 – 1990) In: *ANPUH*, 32, 2023, São Luís-MA
- BELLI, Gioconda. *O País Sob Minha Pele: Memórias de amor e guerra*. Rio de Janeiro: Editora Record, 2002.
- BELLI, Gioconda. *1948: antología poética*. Barcelona: Bonallettera Alcompas SL, 2017.
- GONTIJO, Stella. *Hasta que seamos libres: Feminismo e Revolução Sandinista nas obras de Gioconda Belli (1972–1993)*. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal Fluminense, Niterói, pp. 93-94, 2019.
- MACKENBACH, Werner. El testimonio en Centroamérica: entre memoria, historia y ficción. *Avatares epistemológicos e históricos.*, Cátedra Humboldt – Universidad de Costa Rica, en <vinv.ucr.ac.cr/catedrahumboldt/docs/mackenbach-testimonio.pdf>
- MOLLOY, Sylvia. *Vale o escrito: a escrita autobiográfica na América hispânica*. Argos, 2003.
- MYERS, Jorge. In: SÁ, Maria E Noronha de (org.). *História intelectual latino-americana: itinerários, debates e perspectivas*. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio, 2016, p. 23-56.
- NICARAGUA: *a country study*. Coautoria de Tim Merrill. 3rd. ed Washington, DC: [s.n.], 1994. 300p., il. (Area handbook series)
- QUESADA, Alexa Ugalde. La autonomía de los cuerpos femeninos frente a las iniciativas biopolíticas: resistencias desde Costa Rica y Nicaragua durante los ochenta In: QUESADA, A.; CHINAS, C. HATZKY, C. Biopolítica, violencias

de género y resistencias en América Latina. Ciudad Autónoma de Buenos Aires : CLACSO ; Guadalajara : CALAS, 2025

RAGO, Luzia Margareth. *A aventura de contar-se: feminismos, escrita de si e invenções da subjetividade*. Editora da UNICAMP, 2013.

SÁEZ, Gema D. Palazón. “El país bajo mi piel”: Memoria, representación y discurso femenino en la obra de Gioconda Belli. *Revista de Historia de América*, 2006.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. *A virada testemunhal e decolonial do saber histórico*. Editora da UNICAMP, 2022.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. *História, memória, literatura: o testemunho na era das catástrofes*. Editora Unicamp, 2003.

VANNINI, Margarita. *Memoria y política en Nicaragua: Resignificaciones y borraduras en el espacio público*. F&G Editores, 2021.

VELÁSQUEZ RIVERA, Edgar. *Historia comparada de la transición a la democracia en Nicaragua y Panamá*. Bogotá: Ediciones Ántropos, 2021.

ZIMMERMANN, Matilde. *A revolução nicaragüense*. Unesp, 2002.

Recebido em: 14/12/2025

Aceito em: 21/07/2026